

“COMO A GILGAMESH...”

Helena Carvalhão Buescu*

Este poema cruza distintas tradições e dá conta da forma como o mundo faz sempre parte da poesia seniana, por muito diferente que ele se apresente sob diversas perspectivas. Este encontro e desencontro de tradições (que também se pode chamar ecumenismo, ou literatura-mundo comparada) é característica da poesia de Jorge de Sena: ela manifesta-se abertamente neste poema, como em tantos outros.

“Como a Gilgamesh...” é datado de 1973, e é publicado em 1979, numa colectânea intitulada *Quarenta Anos de Servidão*. E a nada a poesia de Sena é alheia, muito menos às condições histórico-políticas que ditaram o seu exílio por várias terras. 1973 é data-limite de um regime que estava a desabar por dentro. Sena sabia-o. Este poema, como outros, mostra o esplendor e a decadência dos impérios que ruíram.

A quem vai o poeta pois comparar-se? Ao herói da épica mesopotâmica, Gilgamesh, o que aprende, com a luta e com a amizade, a tornar-se o herói de que o seu povo precisa. Mas essa épica é (como a épica portuguesa, com o seu lado negro) lutuosa e escura: “de negras águas silentes oleosas quietas”, em que a elisão da conjunção coordenativa e a posição dos quatro adjectivos faz manifestar, pela sintaxe, o clima de melancólica quietude que semanticamente todos eles partilham.

Compreende-se: espera o poeta uma barca (como outra barca esperou Gilgamesh), onde ele deverá embarcar “sem remos nem barqueiro” e que o levará à “outra margem/ desnuda e vácuca sem calor nem luz”. Os símbolos e conseqüente alegorização não podiam ser mais claros: a mitologia antiga organiza aqui o texto, seja ela suméria, egípcia, ou clássica. E a morte dá origem à figura de um rio em que o homem espera, deste lado, uma barca que o faça atravessar, sem saber o que o espera do outro lado do rio.

Os deuses ignoram o poeta, como não ignoraram Gilgamesh. A comparação é assim validada apenas para uma parte da história: o poeta sabe menos, muito menos, do que foi dado a conhecer a Gilgamesh. Sabe, como ele, que “o pecado existe e é não viver-se/ em desafio sempre”. Mas Gilgamesh conhecia os deuses do embarque e do desembarque – enquanto o poeta está sozinho: “não hei barqueiro nem remador”, como a donzela que morre nas águas da cantiga de amigo, “atendendo o seu amigo”.

Como vem o mundo entrelaçar-se neste curto poema de Jorge de Sena? Vejam-se as tradições que se entrecruzam: à mitologia e à tradição sumérias, acopladas como vimos à egípcia e à clássica, segue-se a do Antigo Testamento, que partilha com a épica de Gilgamesh a história do Dilúvio; a tradição cristã, assente sobre a noção de “pecado”, alia-se à reescrita medieval de uma das mais belas cantigas de amigo, que por sua vez toma a forma de um pequeno dilúvio. Esta cantiga de amigo, diga-se, é uma forma de assombração histórico-literária, a que Sena, claro não é imune.

Desta forma, Gilgamesh é como o homem do leme que confronta o Adamastor, em *Mensagem*, de Fernando Pessoa: maior do que ele mesmo, maior do que o mundo e aquilo que se lhe opõe. Ele representa aqui o símbolo do poeta e da poesia que, através da melancolia moderna, assistem aos dilúvios do mundo. E nem nisso os cala, nem isso os calará.

Para compreender esta última convicção, lá está a última estrofe, aduzindo uma rasa tradição moderna (os “horários das carreiras”) e que, na sua parte final, vê deslizar a barca, enfim solta: vai solitária. O poeta, ele, “promete” (e todos conhecemos a ironia seniana) “não perder a próxima barca”. O que ela é e o que ela será nem o poeta sabe. No entanto, parece dirigir-se não à morte e ao fim do mundo (que os primeiros versos do poema descreviam) mas, pelo contrário, ao “princípio do mundo”, numa espécie de afirmação contra-factual para quem, em 1973, há tanto esperava o que afinal veio a acontecer em 1974. Fim e princípio. Em toda a História há assim mitologia e poesia. E sem estas a outra não será compreensível.

* Professora Catedrática de Literatura Comparada na Universidade de Lisboa. Professora visitante em universidades estrangeiras de prestígio, é Fellow de St. John's College (Cambridge U.), membro da Academia das Ciências de Lisboa e sócia da Academia Europaea.